

Artigo de opinião

“O MOVIMENTO *BLACK LIVES MATTER* E DESENVOLVIMENTO GLOBAL: SUA INFLUÊNCIA NOS DIREITOS CIVIS”

Nelson Manuel¹

Nota introdutória

Como pesquisador e parte de uma comunidade maioritariamente negra, entendo, que a compreensão mais integrada do racismo e as ferramentas necessárias para o seu mapeamento como o Movimento *Black Lives Matter*, propiciam novas abordagens e abrem espaço para um equacionamento dos factos a eles implícitos, o que exige, obviamente, a adoção de novas medidas pelos Estados e Organizações Internacionais. No sentido de olhar para este problema/paradigma de forma mais concertada e abrindo espaço para uma resposta ao nível internacional.

Por outro lado, não podemos dissociar o racismo ao desenvolvimento global face as assimetrias entre as comunidades e entre os países, mesmo nos países desenvolvidos em que as minorias (negras bem como latino-americanas), compõem a franja da sociedade mais vulnerável. Outrossim, impende sobre estes um maior desrespeito aos seus direitos civis face os atuais e recentes acontecimentos.

Nesta perspetiva, no presente artigo levantam-se, a questão de saber em que medida o surgimento do Movimento *Black Lives Matter*, pode ser considerada uma abertura ao diálogo entre os atores envolvidos?

Que medidas devem ser adotadas para redução das assimetrias de classes e que potenciem o desenvolvimento global das minorias?

Que novos ventos para os direitos civis o Movimento *Black Lives Matter* pode trazer na construção jurídica dos direitos fundamentais ao nível dos Estados?

Racismo Estrutural e o Movimento *Black Lives Matter*

¹ Jurista Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Katyavala Bwila em Benguela.

A raiz gnossiológica de um fenómeno, impende, também o conhecimento do seu valor axiológico, ou seja, dos valores postos em causa em virtude da adoção da conduta.

Nesta perspetiva, importa realçar que o racismo não é um assunto individual ou de uma única classe, mas sim um fenómeno estrutural, cuja gestão é da responsabilidade do Estado em encetar ações que possam inibir tais práticas e criar oportunidades e formas de integração, independentemente, da condição étnica ou de ascendência.

- a) O que é o racismo, quais as formas deste se manifestar e em que fundamentos assenta esta forma de pensamento?

Do ponto de vista do seu conceito, o racismo é a tendência do pensamento, ou do modo de pensar em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas e superiores umas às outras. O racismo não é uma teoria científica, mas um conjunto de opiniões pré-concebidas onde a principal função é valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos, em que alguns acreditam ser superiores aos outros de acordo com sua matriz racial.

Como sistema de classes, crenças e representações, e como construção científica e jurídica, o racismo veio legitimar a mercadoria dos corpos, a violência física, os assassinatos em massa, a violação aos direitos civis e políticos, o extrativismo, tanto minoritário como cultural. Em síntese, o racismo divide aqueles que são oprimidos, no sentido de dissocializar e dessolidarizar a classe trabalhadora, dividida entre uma classe trabalhadora “branca” e os chamados “migrantes” ou “minorias étnicas”, de ascendência africana ou não.

Destarte, o surgimento de certos movimentos como *Black Lives Matter* nos EUA, que teve e continua a ter inegavelmente uma influência significativa, na forma como se olhava as lutas de classes e raciais, surge no sentido de inibir tais práticas, não obstante, estar enraizada em alguns grupos principalmente nas sociedades mais evoluídas. O grande mérito é a de que esta pode ser uma porta ao diálogo. Diferente dos movimentos por direitos civis dos negros nos anos 60. Este movimento atingiu níveis globais, algo que já é bastante diferente. Face a isto, entendemos nós, que se deve expandir ações como campanhas *We Respect*, de inclusão e respeito à diversidade, envolvendo outras minorias, ou seja, “todas as vidas importam”. Só existe *Black Lives Matter*, porque existe racismo institucional nos EUA e outros países do Terceiro Mundo. Na corrida aos testes da vacina

contra a pandemia da Covid-19, os cientistas franceses, haviam defendido que os testes da vacina contra a Covid-19, teriam de ser feitos em África e não como algumas pessoas defendiam além de África outros países de outros continentes também estariam contemplados, revelou, claramente como funciona o racismo institucional. Exigindo uma tomada de posição da OMS, pelo seu Director-geral Dr. Tedros Adhanam Ghebreyesus, criticando veemente tal entendimento e apelando que África não pode ser usada como cobaia “África não será um campo de testes para qualquer vacina, e só podemos superar a Covid-19 juntos, em unidade nacional e solidariedade global, disse”. A história é prova de que houve exploração histórica nos países em desenvolvimento, negar este fato é negar que nunca houve escravidão no passado e racismo no presente. Esta exploração deixou um legado de atraso e devastação nestes países.

Obviamente, sim, porém, necessita de uma concertada tomada de posição e concatenada de ações de âmbito internacional, sem descurar as já existentes, mormente, através de algumas organizações pertencentes á ONU, União Europeia e a União Africana. De resto, em que estejam presentes os atores envolvidos, no sentido de discutirem-se formas de “subverter a cultural de superioridade e reabrir a ideia de comunidade e de fraternidade”, no respeito pelas diferenças políticas, económicas e sociais, mas também gerar formas de integração de redução das desigualdades, com vista a potenciar as classes menos representadas. Constitui objecto de estudo face a sua caracterização como um grupo de pressão em virtude da influência sobre o poder, como referiu Ellen L. Weintraub, Comissária da Comissão Eleitoral Federal dos EUA “FEC”, desde 2002 e posteriormente em 2019. (e.g. nas atuais eleições presidenciais nos EUA, descritas pelo presidente norte-americano como “Sombras negras” que controlam o candidato democrata Joe Biden). Uma abordagem sobre este flagelo social que é o racismo e o Movimento *Black Lives Matter*, não significa uma maior preocupação com negros afro-americanos do que com negros em África ou em qualquer parte do mundo, a sua abordagem, não impende, adiamento ou condicionalismo às decisões que devem ser tomadas sobre a África.

Desenvolvimento Global

A gestão global da pandemia de Covid-19 no Ocidente não é estranha à mobilização anti-racista sem precedentes que se assiste desde o assassinato de George Floyd em Minneapolis, tanto nos EUA como na Europa. Porque a pandemia não pode ser

dissociada das desigualdades socioeconómicas nem do racismo que as alimenta. O desenvolvimento tecnológico global, a sociedade do conhecimento, aquela em que nós vivemos, criou níveis de bem-estar e de acumulação de riquezas nas mãos de uma minoria, deixando para trás milhões de deserdados. A assimetria parece cada vez mais acentuada. Cresce o número de pobres, cada vez mais pobres e o dealbar da atual pandemia também se torna mais grave para os que não têm condições de vida, sobretudo de habitação, para responder com o confinamento necessário e enfrentar as exigências que as autoridades impõem.

- b) Que medidas devem ser adotadas para redução das assimetrias de classes e que potenciem o desenvolvimento global das minorias?

Pelo ato simbólico de derrubar estátuas coloniais no espaço público, os movimentos apelam a uma transformação em profundidade da sociedade e dos relatórios de poder historicamente construídos e a uma política de reparação. A descolonização da sociedade está inexoravelmente ligada a uma política voluntarista de luta contra as desigualdades raciais e sociais. Uma política que ataca as estruturas e não os indivíduos. A realização da personalidade de cada homem, passa fundamentalmente na sua integração dentro das políticas económicas e sociais dos Estados.

4

Hodiernamente, duas proeminentes autoras, a consagrada filósofa norte-americana da Universidade de Chicago, Martha Nussbaum e outra bem mais recente, a economista italiana Mariana Mazzucato, professora da Universidade de Sussex e Conselheira do Papa Francisco para Assuntos Económicos. Apontam algumas medidas de redução de assimetrias e que potenciem o desenvolvimento das minorias.

Para Martha Nussbaum, a “receita para superar os conflitos sociais é criar soluções para supera-los”. Através da Teoria das Capacidades, que pressupõe medir o desenvolvimento a partir do bem-estar conquistado por uma sociedade e por seus cidadãos, um parâmetro de “justiça mínima”, onde liberdades, oportunidades e escolhas definem o grau de desenvolvimento de uma sociedade. A questão fulcral é a das escolhas: O que de facto está disponível e assegurado para que as pessoas com realce as minorias possam fazer escolhas?

Nussbaum, coloca no epicentro da sua abordagem a importância de se educar para a democracia, com recurso as artes e ciências humanas. Questiona, como ensinamos e

aprendemos sobre: qualidade das decisões políticas e das relações internacionais, participação comunitária, respeito entre grupos diferentes, compaixão sobre sentimentos com grupos das minorias e dos submissos à uma ordem que oprime.

Nussbaum, equaciona “para que as pessoas tenham a chance de entender o que se passa com as minorias, a dor e desafios que vivenciam e experienciam que não vivem como experiência pessoal, as artes, as práticas, onde pessoas diferentes se encontram para dialogar e trocar experiências como corais, orquestras, simpósios, conferências e ações comunitárias, oferecem essa possibilidade. Quando contamos e nos encontramos, nós mesclamos com quem nos parece à primeira vista, diferente, pois, a mudança exige uma mudança cultural consistente, sem a qual o mundo não muda”. O desenvolvimento de políticas de integração e a cultura da mudança de pensamento sobre o outro.

Por seu turno, Mariana Mazzucato, defende, que “para construir um crescimento inclusivo e sustentável, precisamos de investimento público impulsionado pelo conceito de bem comum e novos tipos de relações público-privadas, estruturadas sob condições que criam um ecossistema mais simbiótico e não-parasitário que beneficia uns em detrimento de outros. E temos que trazer grupos e de cidadãos e sindicatos para mesa de discussão, para garantir que não apenas tenhamos uma transição mais justa, mas que também haja vozes diferentes para definir que tipo de sociedade queremos. Defende a autora, que a energia renovada por trás dos movimentos sociais, como *Black Lives Matter*, é um bom sinal de que haverá uma forte pressão para que nossas sociedades evoluam progressivamente. Se não o fizermos, perderemos”.

Das medidas a serem adotadas no plano das relações internacionais, o seu escopo deve ter âmbito internacional, a que se insere a nova agenda de desenvolvimento global das ONU “Agenda 2030”, uma agenda composta por 5 princípios, 17 objectivos e 169 metas para atingir até 2030, cujo, objectivo visa transformar o mundo rumo ao desenvolvimento mais sustentável. Neste particular, de realçar a Semana Global de Ação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) realizado em Angola em 2019. Surge, também para conformar a “Agenda 21”, com vista a construção de sociedades sustentáveis, que conciliam métodos de proteção ambientais, justiça social e eficiência económica. A mudança de atitudes é cada vez mais preocupante face a queda no IDH, segundo relatório da ONU, que face aos dados equivale a apagar os últimos seis anos de desenvolvimento humano, (fonte Diário de Notícias, 8/8/20).

Influência nos Direitos Civis

Os movimentos pelos direitos civis, surgiram nos meados dos anos 50, em função da segregação racial que perdurou em África e posteriormente nos EUA, com figuras como Malcolm X, Maya Angelou e Martin Luther King, que em 28 de Agosto de 1963, faz o histórico discurso pelos direitos civis e contra a discriminação racial no Lincoln Memorial. Em África, o regime do apartheid é um exemplo clássico e figuras como Nelson Mandela, foram a continuidade da luta e afirmação pelos direitos civis e políticos para todos em igualdade sem qualquer base racial.

O respeito pelos direitos, liberdades e garantias fundamentais, enquanto direitos de primeira geração é a base do Estado Democrático de Direito, assente no primado da Constituição (artigos 1.º e 2.º da CRA) enquanto a norma *normarum*, que segundo Zeferino Capoco “que define as linhas mestras do destino de um país”, e de acordo à Declaração Universal dos Direitos Humanos, através dos seus diplomas com força legal Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos e sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais. Cujas, limitação só pode ser feita estritamente com base na lei.

6

Conclusão

Mas do que polemizar ou problematizar, estes movimentos como o *Black Lives Matter*, chamam a reflexão, o respeito pelos diplomas supra, no esforço através do ensino e da educação, promoção e respeito a esses direitos e liberdades, bem como adoção de medidas nacionais e de âmbito internacional para assegurar o reconhecimento destes direitos com realce as minorias e sua adoção efetiva universal. Afim de que os países reflectam sobre as ferramentas sólidas para compreensão dos direitos civis, políticos, económicos, sociais e culturais, com sagacidade requerida, levando os Estados a reconhecer o estatuto de todo o cidadão como o limite da sua ação.

Os debates académicos, em torno do Movimento *Black Lives Matter*, em torno dos direitos humanos são uma forma de encontrar soluções adequadas para criação de uma cultura de observância destes direitos em África, Europa, EUA e no mundo.

Portanto, este é o nosso entendimento e fundamentos, salvo melhor opinião.

Benguela, 2020
Nelson Manuel